

José Machado Pais

«De Espanha nem bom vento nem bom casamento»: sobre o enigma sociológico de um provérbio português

Ô vento suão, vento suão,
Vento ladrão, ladroeiro,
Trazes a morte agarrada
Às folhas de um zambujeiro...

(Antunes da Silva, *Suão*)

1. O ENIGMA DO ADÁGIO

Os enigmas inquietam e motivam a ciência. As propostas de Cazeneuve¹ no sentido de que as ciências sociais devem dar uma certa primazia ao estudo daqueles factos sociais cuja significação se apresenta mais enigmática são propostas a não desconsiderar, sem que para tanto se tenham de encarar as ciências sociais como uma forma de bruxaria². Na esteira de Cazeneuve, se uma das principais vocações das ciências sociais consiste em nos permitir compreender os fenómenos sociais mais comuns, para alcançar essa meta há que superar um certo nível de ingenuidade do senso comum³, logrando, ao mesmo tempo, uma interpretação científica daqueles factos cuja significação nos pareça menos evidente ou elementar: factos que, por desconcertarem a observação comum e espontânea, nos parecem convidar, mais do que outros, a que neles se busque o seu sentido oculto. Por outras palavras, aqueles factos sociais que, de uma forma mais subtil e cavilosa, traduzem com mais força simbólica determinadas relações sociais — como é o caso dos adágios — são aqueles factos que nos oferecem um maior número de oportunidades para a descoberta de uma explicação racional e científica que, noutros contextos, poderia manter-se camuflada sob o véu da trivialidade.

De Espanha nem bom vento nem bom casamento — diz o adágio popular. Qual o enigma que encerra este provérbio?

¹ Jean Cazeneuve, *Sociología del Rito*, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1972.

² Stanislav Andresky, *Las Ciencias Sociales como Forma de Brujería*, Madrid, Taurus Ediciones, 1973.

³ No quadro das rupturas epistemológicas do discurso científico com o discurso do senso comum, cf., por exemplo, P. Bourdieu, J. C. Chamboredon e J. C. Passeron, *Le Métier de Sociologue*, Paris, Mouton Bordas, 1968.

Consultado que foi o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica⁴, em Lisboa, chegou-se à conclusão de que os ventos que sopram de Espanha não são tão nocivos quanto, fundando-nos no provérbio, se poderia pensar. É certo que o ar temperado e húmido que circula do oceano Atlântico em direcção à costa ocidental da Península é mais agradável que o ar seco — quente no Verão e frio no Inverno — que sopra de Espanha. Aliás, durante o Verão, o Alentejo sofre, por vezes, os efeitos do *suão*, que pode ser olhado como um *vento estrangeiro* — dos confins do Sara ou da própria Espanha⁵. Por outro lado, no Inverno, o ar frio e seco que circula de Espanha pode estar associado a fenómenos de geada com repercussões nocivas para a agricultura, designadamente nas regiões fronteiriças. De qualquer forma, mesmo nestes casos, a circulação de ar é um fenómeno que deriva essencialmente da *continentalidade*, nada tendo a ver com latitudes cardeais ou fronteiras nacionais⁶. Enfim, seja como for e pese a sua aridez ou secura, os ventos de Espanha não parecem explicar toda a força simbólica do adágio⁷. E tanto assim é que, se o adágio é bastante corrente em Castelo Branco, já o mesmo não acontece em Sarzedas e Álvaro, onde: «O vento de Castelo Branco é tão mau que até os cães faz danar.» Em contrapartida, em Castelo Branco não há dúvidas de que de Sarzedas, sim, «nem bom vento nem bom casamento». E, para complicar um pouco mais a cartografia dos ventos (ver mapa), de Penhascoso (para os habitantes de Mação) e de Álvaro (para os habitantes de Oleiros), «nem bom vento, nem bom casamento, nem bom porco para o tempo». Em Idanha-a-Nova é, aliás, conhecida a seguinte anedota:

Na confissão, um padre perguntou ao penitente:

— Costuma praguejar?

— Não — respondeu este —, a não ser o vento de Sarzedas.

— Cale-se homem — respondeu o padre —, isso não é vento, é o Diabo! Já hoje me queimou a vinha toda⁸.

É credível que os ventos possam afectar as vinhas das regiões em causa, mirrar as espigas, secar os pegos das ribeiras, toldar a atmosfera parda dos piornais. Já resulta menos verosímil supor uma tão vasta e redemoinhosa

⁴ Agradeço aos Drs. Costa Malheiro, Anthímio de Azevedo e Costa Alves, do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, a boa vontade expressa nas úteis indicações que me deram.

⁵ Cf., nomeadamente, o romance de Antunes da Silva *Suão*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1978, 6.ª ed.

⁶ Na própria expressão popular se diz:

*Ó vento suão, vento suão,
Vento da vida e da morte,
Tu não tens dó de ninguém,
Venhas do sul ou do norte...*

⁷ É curioso como o senso comum pretende atribuir aos ventos — designadamente aos do Sul — a exclusividade de determinadas atitudes comportamentais e sociais. Assim, por exemplo, nas Canárias, o *siroco* é tido como responsável de delírios, alucinações, loucura, nervosismo, mau humor, depressão, angústia. No Paraguai dizia-se que o ditador Rodríguez de Francia (1814-40) assassinava quem com ele se cruzasse na rua sempre que, a partir das 6 da tarde, o vento sul soprava.

⁸ Todas estas informações etnográficas foram recolhidas por Jaime Lopes Dias em *Etnografia da Beira*, 1966 (2.ª edição), vol. v, p. 248.

rede de centros depressionários num sorvedouro de agressoras lufadas de ventania, galgando sebes e colinas, de umas regiões para outras. Insistimos: os ventos não explicam, seguramente, toda a força simbólica do adágio.

Os maus ventos segundo os adágios: sentidos de circulação



Explorando agora outra pista, poder-se-ia supor que algumas ligações matrimoniais entre cortesãs e monarcas portugueses, na medida em que constituíram verdadeiras ameaças à independência de Portugal, estariam na base do adágio. De facto, Inês de Castro, bisneta do rei D. Sancho de Castela e filha de um nobre galego, Pedro de Castro, foi assassinada a mando do rei D. Afonso IV de Portugal porque os seus amores com o infante D. Pedro faziam perigar a independência de Portugal⁹. Por outro lado, o domínio de Castela sobre Portugal, durante mais de meio século, ficou a dever-se a uma política que, na época, para tudo se servia de mulheres¹⁰.

Contudo, nenhum destes dramas históricos nos autoriza a limitar a invocação do adágio à mera ilustração desses mesmos dramas. Embora a eles se

⁹ Cf. António de Vasconcelos, *Inês de Castro*, Coimbra, 1928, e J. T. Montalvão Machado, *Amores de D. Pedro e D. Inês em Terras da Lourinhã, de Gaia e de Coimbra*, Lisboa, 1967.

¹⁰ Com efeito, depois do casamento fabricado entre D. Manuel I de Portugal e D. Maria de Castela, uma filha deste enlace é casada com Carlos V de Espanha, de cujo matrimónio surgiria Filipe II, que, por ser neto de D. Manuel por via materna, se julgou no direito de tomar a coroa de Portugal depois de o seu legítimo rei, D. Sebastião, ter desaparecido sob uma nuvem de mistério em terras de Alcácer Quibir.

ajuste relativamente bem, o adágio tem, seguramente, outras chaves de interpretação ¹¹. Talvez que até toda a sua força mitológica se possa equiparar a um «sonho» em relação ao qual, como demonstrou Freud, o que sonha não pode interpretá-lo conscientemente. Então, se o sonho transmite uma mensagem que a consciência reprime, qual a mensagem real que o adágio em causa poderá querer transmitir?

Uma coisa parece certa. Independentemente dos maus ventos e presságios, e com intenção de casar ou não, desde longa data que alguns portugueses sentiram uma forte atracção pelas espanholas. Justificativa dessa atracção foi a institucionalização e aceitação do rito do beliscão levado a cabo no traseiro das damas espanholas pelo audacioso faceira lusitano, rito implementado com sucesso no século XVII, especialmente em Madrid, Toledo, Sevilha e Valholid. Isto para já não se falar da moda chique que, nos meios burgueses lisboetas do século XIX, consistia em ter uma amante espanhola. A reputação da mulher espanhola, quer como prostituta, quer como amante mais discreta, era intocável no juízo crítico e experimentado do boémio português do século XIX.

2. O «MIMO» DE PORTUGAL

Se é verdade que algumas ligações sentimentais e matrimoniais entre cortesãs espanholas e monarcas portugueses constituíram verdadeiras ameaças à independência nacional — e aqui talvez tenhamos uma justificação de o mito ter reclamado direitos de nacionalidade —, o português medianamente galanteador desde cedo sentiu uma forte atracção pelo perigo e, portanto, pelas espanholas. Ou seja, os amantes portugueses nunca se encontraram numa relação de verdade com o mito, mas de *uso*.

No século XVII, e depois de os Filipes tomarem conta de Portugal, os Lusitanos ter-se-ão vingado à sua maneira e invadiram também a Espanha, causando gáudio e delírio nas hostes femininas do país irmão. Segundo Júlio Dantas, alguns traços secundários caracterizavam o conquistador português de então: uns largos bigodes, um chapéu castorenho atirado para a nuca, balonas brancas, uma grande espada e, debaixo do braço, a fadejada e inseparável guitarra. Um traço principal o distinguia, contudo: era a arte, a perícia, a destreza, o fervor com que beliscava um traseiro feminino. Se alguma espanhola sentia um beliscão ferir-lhe a anca ou morder-lhe a polpa dum braço, isso significava que por ali rondava português.

O ritual do beliscão obedecia a estratégias bem definidas. O picão namorador lisboeta escolhia, regra geral, locais bastante frequentados e solenes para actuar: a Plaza Mayor, de Madrid, a procissão da Semana Santa de Sevilha ou as missas da Iglesia Mayor, em Valholid. Apontados preferencialmente às ancas e regiões subúrbias, os beliscões distribuíam-se indistintamente pelas partes mais salientes e sensuais do corpo feminino. O beliscador lusitano delirava ao sentir nos dedos, bem arpoada, a carne tronchuda duma perna, a polpa dum braço, a redondez rija e alva de um seio. Deduziu Dantas:

Foi o beliscão que nos abriu para o amor o estribo doirado de todos os coches, a reixa vermelha de todas as janelas, a romã de todos os

¹¹ Se assim não fosse, como justificar as versões do adágio que, como vimos, circulam por todo o distrito de Castelo Branco?

lábios. As *niñas holgonas* de Toledo ficaram chamando ao beliscão *mimo de Portugal*. Enchemos de nódoas negras o corpo das mais lindas mulheres de Castela-a-Velha. Mas — *nombre de Dios!* — pagámos generosamente: demos-lhes Velásquez para as pintar ¹².

3. O «TIPO IDEAL» DA MULHER ESPANHOLA

Ir às espanholas passou a ser a aspiração de todo o prezado e ufano português julgado entendido em questões de mulher. Para as beliscar, e não só.

Particularmente forte sempre foi a atracção que as andaluzas despertaram. Por estarem mais à mão de semear? As razões desta atracção não são claras nem evidentes, aparecendo, pelo contrário, ocultas sob um manto de misticismo envolvendo a *nostalgia lusitana* e o *expressionismo andaluz*:

La atracción está, pues, justificada: la nostalgia mesiánica del individualismo lusitano se conjuga a placer con la vitalidad ardiente del expressionismo formal andaluz. Y así es como Sevilla, en presencia del hombre portugués, realiza el encuentro del ilimitado idealismo del Mar con la razón pensante y dionisiaca de la Tierra ¹³.

Esta é, contudo, uma leitura mitológica das relações afectivas entre os amantes ibéricos. Como interpretar cientificamente este fenómeno? O que é que explica a emergência de um adágio que assegurou, em forma de mito, a manutenção de uma fé socialmente partilhada e reverencial em relação à mulher espanhola? Como justificar as ingratidões e infidelidades da amante espanhola em relação às desventuras do bem intencionado e apaixonado Português, tão bem retratadas nos romances queirosianos e na poesia de Francisco Añón? Finalmente, o que terá levado o Português a considerar quase sempre a mulher espanhola como uma amante fácil, boa para se divertir, para gozar? Com efeito, sem muito exagero, quase poderíamos fazer nossas as palavras de Ortega y Gasset:

En el perfil moral de la mujer española quedan conservados los golpes de toda nuestra historia, como los martillazos quedan en el repujado de um cáliz ¹⁴.

Da mesma forma que Weber usou o conceito de *tipo ideal* de modo a proporcionar uma estrutura analítica para explicar os factos individuais, vinculando-os a leis gerais, também o Português desenvolveu um «tipo ideal» de mulher espanhola, nacionalmente implantado, que o motivou, na prática, a encontrar exemplares desse tipo. Ramalho Ortigão caracterizava esse «tipo ideal» da seguinte maneira:

A espanhola é *guapa*. Tem o busto forte, a curvatura fina, o tornozelo delicado, o pé curtinho e gordo. Belos dentes, solidamente plantados

¹² Júlio Dantas, *O Amor em Portugal no Século XVIII*, Porto, 1916.

¹³ António de Cértima, *Itinerario Sentimental de los Portugueses en Sevilla*, Lisboa, 1944, p. 11.

¹⁴ Ortega Y Gasset, *Estudios Sobre el Amor*, Madrid, Alianza Editorial, 1981, p. 93.

em gengivas húmidas cor de cereja, reluzem na sua boca carnuda recortada em arco de frecha. Os olhos, pretos ou castanhos, franjados de longas pestanas recurvas, são bem abertos, revêem-se em si mesmos e têm uma luz triunfante, quase impertinente, de consciência dominadora e vitoriosa. Na testa lisa, um tanto acanhada, desenham-se-lhe as sobrancelhas em duas curvas negras, lustrosas, de uma correcção extremamente apurada [...] As caras das espanholas são como a letra das inglesas, todas da mesma forma [...] E não é só na forma e na expressão das fisionomias que elas têm caracteres colectivos e comuns. É também na *toilette*, no modo, no timbre da voz, no diapasão do riso ¹⁵.

De igual modo, se, para Weber, as generalizações não podem explicar os factos individuais ¹⁶, também o «tipo ideal» de mulher espanhola não recobria, na prática, a sua diversidade. Ou seja, havia casos particulares que se afastavam do referido «tipo ideal». Este funcionava, portanto, como um *mito* tal como Barthes o encara, isto é: «um sistema ideológico puro, em que as formas são ainda motivadas pelo conceito que representam, sem, contudo, mesmo de longe, recobrirem a sua totalidade representativa.» ¹⁷ As características imaginadas no «tipo ideal» de mulher espanhola não tinham, portanto, uma tradução segura no plano real. Esta falta de identificação entre o *imaginário* e o *real* terá originado um mundo de equívocos e mal-entendidos entre os mais descontraídos e bem intencionados galanteadores portugueses. O português quase sempre interpretou os desafoxos da mulher espanhola de uma forma errada, que o levou a idealizá-la como uma mulher não apenas fatal, mas também fácil. Alguns deram conta desse equívoco. Anselmo de Andrade opinava em relação às andaluzas:

Em lugar da timidez, que ocupa muita vez o lugar da virtude nas nossas mulheres, têm as andaluzas extraordinários desafoxos, que entre nós pareceriam suspeitos. Contudo, ninguém tome essas aparências como sinais de facilidades. A sevilhana é realmente mais honesta com as suas desenvolturas, e com as suas grandes expansibilidades, do que costumam sê-lo outras mulheres, nas austeridades do recolhimento ou nas afectações da virtude ¹⁸.

Estes equívocos terão constituído, certamente, os centros de «baixas pressões» que originaram tempestades de infortúnio e desilusão em muitos corações lusos.

Mesmo assim, persistia uma vontade explícita de dar um *tratamento uniformizado* a toda a espanhola. Um especialista em métodos de bem tratar as espanholas doutrinava aos seus amigos que «era necessário levá-las por bons modos; por isso é que elas se pelavam por portugueses, porque lá em Espa-

¹⁵ Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1949, t. 1, pp. 110-112. Opinião semelhante foi desenvolvida por Anselmo de Andrade quando descreveu a fisionomia da sevilhana em *Viagem na Espanha*, Lisboa, 1903, pp. 297-298.

¹⁶ Cf., designadamente, Carl Baar, «Max Weber y el Proceso de la Compresión de lo Social», in Talcott Parsons e outros, *Presencia de Max Weber*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1971, pp. 209-221.

¹⁷ Roland Barthes, *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, 1978, p. 197.

¹⁸ A. de Andrade, *Viagem na Espanha*, cit., pp. 297-298.

nha era à bordoadada... Enfim, ele não dizia que em certos casos, duas boas bolachas, mesmo um bom par de bengaladas, não fossem úteis... Sabiam, por exemplo, os amigos quando se devia bater? Quando elas não gostavam da gente, se se faziam ariscas. Então sim. Então, zás, taponas, que elas ficam logo pelo beijo... Mas depois bons modos, delicadeza, tal como com as francesas»¹⁹.

4. A AMANTE ESPANHOLA NO SÉCULO XIX: REPUTAÇÃO, INGRATIDÕES E INFIDELIDADES

4.1 REPUTAÇÃO

— Sintra não são pedras velhas, nem coisas góticas... Sintra é isto, um pouco de água, um bocado de musgo... Isto é um paraíso! [...]

— E Vossa Excelência deve sabê-lo, Sr. Maia, porque tem experiência de espanholas!

(Eça de Queirós, *Os Maias*)

«Ir às espanholas» significava, no século XIX, gozar de um paraíso sexual. A mulher espanhola era tida como a amante ideal para gozar. Principalmente a prostituta, tinha a boa fama de deixar de rastos o mais pintado e atrevido dos rufias. Um entendido confienciava a um amigo:

— Então você não sabe? Não se lembra em S. Carlos, daquele rapaz tísico, o Inglês? Pois bem, a Concha estava com ele; deixou-o, que o pobre diabo já não se levanta, às bacias de sangue pela boca²⁰

A Concha era evidentemente uma espanhola.

Para além da fogosidade enquanto amante, a prostituta espanhola preocupava-se sempre por evidenciar uma fina ascendência, uma nobre linhagem — daí que quase todas elas fossem politicamente muito conservadoras²¹. Qualquer português preso de amores a uma espanhola babujava:

É a espanhola mais bonita que tem vindo a Lisboa. E rapariga fina... Coitada, está naquela vida... mas muito fina. É filha de um general, muito bem educada. Toca piano, oh, menino! E depois que maneiras! A comer é uma duquesa! E que pé, que pé! É de endoidecer²².

Um dos mais afamados coios da prostituição clandestina da Lisboa boémia de finais do século XIX estava nas mãos de uma proxeneta espanhola, quarentona e redonda. Dizia-se descendente de uma das mais nobres famílias de Castela: fora rica, invejada, distinta, uma verdadeira elegante de *rompe e rasga*. Infelizmente, porém, as dissipações e a prematura morte do seu marido haviam-na reduzido àquela triste condição. Por isso, viera de vergonha para Portugal. Às prostitutas que tinha a cargo tratava-as como *sobrinhas*. Os fregueses eram homens finos, pessoas de consideração, cir-

¹⁹ Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, s. d., p. 230.

²⁰ Id., *A Capital*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, s. d., p. 230.

²¹ Id., *Os Maias*, cit., p. 94.

²² Id., *A Capital*, cit., p. 232.

cunspectas e graves personagens: titulares, conselheiros, mandões, ricos, nomes sonantes batidos na tagarelice encomiástica das gazetas. Aliás, a *tia-zinha* ufanava-se:

Os primeiros negócios da cidade, os destinos do País... tenho-os aqui! É só eu querer!... Não há hoje homem de importância que não seja nosso amigo — *todos protectores de mis sobrinas*²³.

De resto, a proxeneta ensinava as suas sobrinhas a fazerem-se passar aos olhos da clientela por pessoas de consideração, mulheres limpas e difíceis, levadas acidentalmente àquele extremo pela necessidade, atrapalhadas da vida doméstica, angústias momentâneas, má sorte, caprichos, diferenças irreductíveis com os maridos, velhos ódios de família, etc.

Este *status* de prestígio e toque de classe de que a prostituta espanhola gozava caía no goto do Português, que, honra lhe seja feita, era bastante crítico e selectivo em questões de mulher. Aliás, entre as prostitutas estrangeiras, era a espanhola a que gozava de melhor reputação. As tão afamadas francesas, por exemplo, constituíam um produto de segunda categoria²⁴. Desabafava um poeta familiarizado com o submundo da prostituição:

[...] *Têm mais valor Marias Ritas,
Tomázias, Joaquinas e Teresas,
Que essa corja de vis putas francesas*²⁵.

Resumindo: para qualquer provinciano chegado a Lisboa, o lema era: gozar o *verdadeiro fadinho* e... *ir às espanholas*²⁶. No *demi-monde* lisboeta, «pôr casas a espanholas» dava prestígio, consideração e reputação²⁷.

Mas a fama das prostitutas e amantes espanholas não se circunscrevia apenas a Lisboa. A grande «topada sentimental» de Carlos — uma das mais importantes personagens dos *Maias*, de Eça de Queirós — era Encarnación, uma espanhola que pôs Coimbra em alvoroço. Conta Eça:

Encarnación fanatizou Coimbra como a aparição de uma Dama das Camélias, uma flor de luxo das civilizações superiores. Pela Calçada, pela

²³ Abel Botelho, *O Livro de Alda*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1982, p. 181, (1.ª edição: 1895).

²⁴ Alfredo Gallis, por exemplo, comentou:

Em Espanha, a gracilidade da mulher e a elegância da maneira de trajar é [...] mais sugestiva e voluptuosa do que a das francesas. É de ver o traje das andaluzas, a jaqueta de veludo à toureira e as saias curtas, deixando ver os pés luxuosamente calçados em sapatos primorosos de entrada curta e meias brancas esticadas à perna opulenta e bem torneada. Essas até na própria maneira de andar têm esse *salero* característico que não é mais do que um movimento luxurioso de ondulação dos quadris, que é o mais voluptuoso possível. Os trajes das gaditanas, das aragonesas, das sevilhanas, das malaguenhas e das valencianas não se confundem e todos convergem nas suas variantes para tornarem a mulher agradável aos olhos do homem, enchendo-o logo de desejos à simples contemplação dos pés, que elas calçam com elegância e primor. [*O Que as Noivas Devem Saber*, Porto, 1910, pp. 213-214.]

²⁵ *Cancioneiro do Bairro Alto*, Cádiz, 1876.

²⁶ E. de Queirós, *A Capital*, cit., p. 102.

²⁷ Id., *Os Maias*, cit., p. 192.

estrada da Beira, os rapazes paravam, pálidos de emoção, quando ela passava, reclinada na vitória, mostrando o sapato de cetim, um pouco da meia de seda, lânguida e desdenhosa, com um cãozinho branco no regaço²⁸.

Finalmente, o «tipo ideal» de mulher espanhola era usado como termo de comparação, como unidade de medida: de um físico, de um corpo; nunca de uma moral. Uma apreciação lisonjeira dirigida a uma mulher portuguesa podia traduzir-se na seguinte comparação:

E como corpinho de mulher, não há melhor que aquilo de Badajoz para cá!²⁹

4.2 INGRATIDÕES E INFIDELIDADES

— A vida é feita de desapontamentos — disse Carlos [...]

— E Vossa Excelência deve sabê-lo, Sr. Maia, porque tem experiência de espanholas!

(Eça de Queirós, *Os Maias*)

Já atrás dissemos que, no século XIX, «ir às espanholas» significava gozar de um prazer lúbrico, lascivo, devasso. O que é que acontecia se, entretanto, o Português pensava em casar com uma espanhola? A tarefa não era fácil, pois tratava-se, quase sempre, de regenerar uma prostituta ou uma amante fácil. As ligações amorosas de Artur com Conchita descritas por Eça de Queirós em *A Capital*³⁰ ilustram, de certa maneira, o significado da mensagem do provérbio em estudo: «De Espanha nem bom vento nem bom casamento»...

Artur viera da província para Lisboa. Seu amigo Melchior há muito que o andava inquietando para *irem às espanholas*. Chegara mesmo a falar-lhe de uma andaluza que lhe cairia a matar. Artur já a imaginava de acordo com a atrás descrita ideia de «tipo ideal» que o Português tem da andaluza: «pálida, de olhos árabes, com os ardores de um sangue sevilhano.» Sempre, desde os seus tempos de estudante, em Coimbra, as andaluzas se tinham conservado para ele como um ideal de voluptuosidade. As boas perspectivas de, enfim, possuir uma davam-lhe como que o orgulho de uma iniciação. Uma noite saíram mesmo para a pândega com duas vivaças andaluzas. Quando, na caleche em que se transportavam, uma delas, de nome Concha, aperta docemente a mão de Artur, este não duvidou um instante do seu amor.

E vinha a repetida história de toda a espanhola arribada a Portugal. Em Espanha fora seduzida por um filho de um marquês, carlista fanático, com título confuso — ora conde, ora simplesmente visconde. Acabaria por esconder a sua glória e a sua vergonha num terceiro andar da melancólica Calle

²⁸ Eça de Queirós, *Os Maias*, cit., p. 94.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 150.

³⁰ Seguiremos fielmente o relato de Eça de Queirós como, mais adiante, o de Júlio Dantas. A pertinência da utilização de fontes literárias na investigação sociológica foi já por mim discutida numa comunicação sobre «Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana», apresentada ao Colóquio sobre as Fontes da História Contemporânea Portuguesa, organizado pelo Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE e realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, nos dias 3 e 4 de Outubro de 1984.

de S. Juan de Dios, em Madrid. Abandonada pelo amante, *pobrecita* — desamparada, só e miserável —, viu-se *forçada* a aceitar o amor de um director de caminho-de-ferro, um primeiro andar em Fuencarral e um *coche*. Mas os ciúmes ferozes do novo amante e a sua dura bengala obrigaram-na a refugiar-se em Lisboa, com o «vestidinho que trazia no corpo», numa casa amigável e hospitaleira da Rua de S. Roque... *Mui desgraçada!* Era um monstro que lhe puxava pelos cabelos, a amarrava por um tornozelo ao pé de um bufete e a deixava assim, como uma cabra presa a uma estaca.

A Artur comovia-o a ideia de a regenerar. E depois, Conchita parecia tão pacata! Confessava-se pouco atraída por luxos, teatros ou *toilettes* — «o seu ideal era ter uma *casita* sua e um homem novo que a estimasse e a tratasse como uma senhora. Ela mesma coseria os seus vestidos e era fácil de alimentar como um passarinho! Alguns *gravanzos*, muita ternura — e era feliz!». Artur dar-lhe-ia a *casita* que ela ambicionava, um amor poético e moço, *toilettes* e a consideração de esposa. Antes, contudo, teve de pagar à governanta da hospedaria onde Concha vivia contas de cabeleireiro, sapateiro, etc.

Depois de a ter a seu lado começaram as inquietudes, as ingratidões, as infidelidades. Primeiro, a sua Conchita anichou-se no agrado do seu amigo Melchior, que a adulava, fazendo-a rir e ensinando-a a tocar guitarra. Concha chamava-lhe, rindo, *mi abuelo*, mas, na verdade, era o amigo íntimo. Beijava-o diante de Artur, que sorria, tranquilo, confiado. Não sentia ciúmes porque Concha lhe dissera um dia que *Melchior era muy feo*. Enfim, sempre um vago ciúme o remordia, especialmente quando afirmava que *só o Melchiorzinho sabia tratar com espanholas*. Depois era a familiaridade com o seu cabeleireiro, Pancho, também andaluz. Como falavam no rápido acento andaluz, em calão, Artur não os compreendia e aquele *tu* familiar do cabeleireiro irritava-o solenemente. Todavia, Concha não podia dispensar Pancho, porque não sabia pentear-se. Aliás, em lides domésticas não estava muito à vontade: quando tentava pegar numa agulha, tinha logo dores de cabeça.

As saídas frequentes de Concha, em tipóia, também intrigavam Artur, a ponto de um dia lhe ter feito uma observação despeitada. A reacção de Concha foi explosiva. Voltou-se com a grave atitude de uma esposa ofendida e perguntou-lhe se a tomava por escrava: «— *Era o resultado de viver com um português!*» As suas mudanças de atitude e humor eram muito bruscas. Uma vez repelia-o e nem consentia que Artur a tocasse — *uma mulher, Dios mio, não podia estar sempre lambuzada pelas beijocas de um marmanjo!* Outras vezes vinham-lhe ardores súbitos, a horas singulares, sem razão. Artur explicava essas mudanças etnograficamente, pela sensibilidade muito refinada das raças andaluzas, e, por isso, cada dia a achava mais adorável.

Finalmente, Concha enamorou-se de um espanhol, emigrado de Cádiz e comprometido na revolta de Salvochea. Manolo se chamava e pernoitava no mesmo hotel lisboeta em que se hospedavam Concha e Artur. Concha acabou por fugir com Manolo, deixando o português abandonado a um vazio irreparável. Artur ainda pensou em tomar outra espanhola, Angelita, e, para fazer ciúmes a Concha, dar-lhe-ia os mais belos vestidos e jóias. Mas... e o dinheiro? Com Concha havia despendido uma fortuna. E, nesta tamanha amargura, Artur pensava que Concha e Manolo se estariam rindo do asno português. Sentiu um ódio ilimitado contra todo o espanhol e toda a Espanha. Invadiu-o uma onda de sentimento nacionalista. E ainda se falava na União Ibérica! — «*Oh, se houvesse uma guerra! Com que júbilo de vingança*

iria pelo País, lançando proclamações, armando aldeias, arremeçando contra a fronteira massas esmagadoras de patriotas!» Ainda pensou em suicidar-se, mas seria ridículo ser-lhe atribuída a morte ao desgosto de haver sido abandonado por uma espanhola de bordel. As desventuras de Artur com Concha retratam bem como as resistências supersticiosas do amante português ao mito fizeram dele uma presa ideal desse mesmo mito. Ora o adágio é explícito: «De Espanha nem bom vento nem bom casamento.» Tido como aventureiro e amante do perigo, o Português, ao desafiar supersticiosamente o mito, entregou-se-lhe de mãos e de pés atados.

O consentimento voluntário do mito tinha pois de chegar à literatura pela mão de um dos mais realistas escritores portugueses de finais do século passado.

5. A GABAROLICE DO PORTUGUÊS

Amar uma espanhola consistia, no século XIX, motivo de orgulho e prestígio para todo o português. Mesmo quando alguma experiência resultava frustrante, o Português tinha o cuidado de, junto dos seus conterrâneos, se apresentar como um grande conquistador de espanholas. Uma das figuras mais representativas do movimento nacionalista galego do século XIX, Francisco Añón, não perdeu o ensejo de se referir a essa gabarolice, aludindo às desventuras de um português em Sevilha³¹.

Trata-se da caricatura de um português gabarola que em Sevilha teve uma triste aventura com uma cigana e que, de regresso a Portugal, a transformou numa conquista amorosa, espalhando aos quatro ventos que se apaixonara por ele a filha do governador da cidade, menina formosíssima, a quem chamavam *sol de Andaluzia*. Conta Añón:

*Un viajero portugués
de buena fisionomía,
rico traje à la moderna,
su cadena de oro encima;
sombrero fino de rata
angosto abajo, ancho arriba,
con aba tan prolongada
que de paraguas servia,
absorto mirando estaba
La Giralda de Sevilla.*

Sigamos o relato de Júlio Dantas, nas suas *Viagens em Espanha*.

Estava o nosso bom português, de nariz no ar, olhando a torre dourada de Giralda, quando, de repente, uma cigana andaluza que passava — *fresca morenilla airosa con su cintura de hormiga* — tropeçou, por descuido ou por graça, na bengala em que o português se apoiava. O português caiu e, vendo que tão linda rapariga o ajudava a levantar-se do chão, logo dela se enamo-

³¹ A poesia de Francisco Añón chegou-me ao conhecimento através de Júlio Dantas, *Viagens em Espanha*, Lisboa, s. d.

rou, perguntando-lhe onde morava e solicitando-lhe permissão para a seguir e para a amar. Ao que logo a cigana contestou:

*Se quiere venga a mi casa,
que está al volver la esquina...*

Já precavido, o português quis saber quem vivia com o seu novo amor, não fosse a imprudência trazer-lhe surpresas desagradáveis. E a cigana respondeu-lhe que vivia com a avó, que era uma bruxa. Aí o português começou a insultar a feiticeira em altos brados, dizendo que deviam ser queimadas todas vivas. A cigana, remangando-se, fincou os punhos na cinta, pôs a perna à facaia e desatou numa chuva de impropérios e de pragas contra o português — *la escoba negra barra tu casa!* —, acabando por assentar-lhe tão forte palmada no chapéu que o enterrou pela cabeça abaixo. Com o chapéu enfiado até ao nariz, o nosso bom português quis perseguir a cigana, que lhe fugia, jogando à «cabra-cega». Nisto passou a filha do general governador das armas de Sevilha, uma beldade que a cidade inteira venerava. O português, julgando enfim ter apanhado a endiabrada cigana, abraçou-se à *señorita*, que, a tremer de susto, lhe desmaiou nos braços, dos quais os populares a arrancaram exaltados:

*Y así que llegó a Lisboa,
con vana arrogancia altiva,
dijo: — A menina mais bela
que há em toda a Andaluzia,
a filha do general
da cidade de Sevilha,
quanto me queria, coitada!
Abraçamo-nos um dia
no meio da mesma rua...
Olhai quanto amor me tinha.*

Como justificar esta gabarolice lusitana? O que faz com que o conquistador frustrado desvirtue ostensivamente o desaire e se apresente aos olhos dos seus conterrâneos como o amante a quem o *sol de Andalucía* lhe cai aos pés, numa rua pública, ante o espanto e o pasmo de todos quantos o quisessem observar?

7. O DECIFRAR DO ENIGMA ³²

A razão de ser do adágio — *De Espanha nem bom vento nem bom casamento* — parece radicar num duplo critério de moralidade que, como já alguém afirmou ³³, parece caracterizar as relações amorosas, matrimoniais e familiares nos países latino-americanos. Aos homens e às mulheres são exigi-

³² Foi o Prof. A. Sedas Nunes quem, na verdade, me sugeriu esta possível chave de interpretação do adágio. A ele lhe endereço, pois, os meus agradecimentos, extensivos também ao Prof. Raul Iturra, com quem sobre o assunto deste texto tive, proveitosamente, onortunidade de reflectir.

³³ Connelia Butler Flora define este duplo critério no livro de Ana Pescatello *Female and Male in Latin America*, Pittsburg, 1973.

dos diferentes critérios de conduta e de moral³⁴. A acrescentar a este duplo critério de moralidade surge o facto de, para o homem, a mulher constituir uma fonte de dois tipos de prestígio, distintos e contraditórios: um prestígio que deriva da «dedicação», do «bom porte», da «inteira entrega ao esposo e aos filhos» — prestígio atribuído à «pureza feminina»³⁵ e que todo o homem espera obter da mulher «abnegada» e «respeitadora» com quem idealiza casar; e um outro prestígio associado à proeza sexual, ao espírito de aventura e conquista, fora do quadro institucional do matrimónio — prestígio este que se adquire com a mulher mundana, fácil, erótica, provocante, embora não necessariamente prostituta. A compatibilização destes dois tipos de prestígio parece ser feita da forma que o adágio sugere. Ou seja, por um lado, o português *prestigia-se* com as mulheres da sua terra adquirindo fiéis e dóceis esposas; por outro lado, *satisfaz-se e prestigia-se* à custa das perversas e tentadoras espanholas, naturalmente rejeitadas para casar. A compatibilização destes dois tipos de prestígio parece estar, como vemos, associada ao atrás referido duplo critério de moralidade. Há, como sugere Pitt-Rivers, uma diferenciação social e sexual no modo como se distribuem as qualidades morais entre os sexos e, conseqüentemente, no comportamento que se considera adequado ou concebível para cada um deles³⁶.

Esta distinção parece corresponder à forma como a sexualidade é encarada quer no interior quer no exterior duma comunidade. Os valores de que depende a comunidade como entidade moral estão representados pela mulher. Enquanto o prestígio dos homens é dado em função da sua relação com o mundo exterior à comunidade — como vimos, *ir às espanholas* dá prestígio —, a reputação da mulher é intrínseca à comunidade, ao interior da casa, ao próprio corpo. Espera-se que as mulheres permaneçam em casa na medida em que são depositárias da honra masculina. Por outro lado, a boa reputação da mulher portuguesa não é totalmente conseguida sem o apoio da autoridade masculina, que, ao procurar fora do meio social em que vive a mulher fácil — a mulher para gozar —, assegura a boa reputação da mulher portuguesa. A comunidade delega a virtude expressa no prazer sexual às mulheres e o dever de defender a virtude feminina aos homens.

Ora, como os Portugueses são os responsáveis pela honra da mulher portuguesa, cuja reputação passa por uma adequada moral ou pureza sexual, buscam a satisfação sexual com as vizinhas espanholas. Estas desempenham, portanto, um duplo papel: o de *instrumento de prazer*, impróprio,

³⁴ Afirma Pitt-Rivers:

A honra de um homem e de uma mulher implica [...] modos de conduta muito distintos [...] Uma mulher desonra-se, perde «a vergonha» quando mancha a sua pureza sexual, mas um homem não. Enquanto certo tipo de conduta é honrosa para ambos os sexos, honra = vergonha é, em certas esferas de conduta, uma virtude exclusiva de um ou outro sexo. [Julian Pitt-Rivers, «Honor y Categoría Social», in J. G. Peristiany, *El Concepto del Honor en la Sociedad Mediterránea*, Editorial Labor, 1968, p. 35.]

³⁵ De acordo com Julian Pitt-Rivers, o encanto atribuído pelos galanteadores do século xvii à sedução de monjas deriva, entre outras coisas, do valor atribuído à pureza das monjas. Cf. *Antropología del Honor y el Sexo en la Vida de los Pueblos Mediterráneos*, Barcelona, Crítica, Grupo Editorial Grijalbo, 1979, p. 118.

³⁶ A esta diferenciação chama Pitt-Rivers «divisão moral do trabalho», *Antropología del Honor*, cit., p. 120.

evidentemente, para casamento — o que, a acontecer, desprestigiaria a mulher portuguesa; e o de *instrumento integrativo* da comunidade das mulheres portuguesas, como unidade moral básica. A mulher espanhola contribui claramente para a coesão de um sistema de protecção. A virtude da mulher portuguesa está associada à má reputação da mulher espanhola. Assim, a honra colectiva da mulher portuguesa expressa-se numa rivalidade em relação à mulher espanhola — rivalidade que não se reflecte necessariamente numa atitude completamente hostil. A mulher espanhola proporciona, pelo contrário, a ocasião para que a portuguesa demonstre a sua boa reputação. Isto no caso de a espanhola se confinar ao mero papel de amante fácil ou prostituta, porque, se surge com pretensões de casar, a portuguesa sente-se evidentemente humilhada. Mas aqui o adágio é completamente desencorajador: «De Espanha nem bom vento nem bom casamento»!

O adágio expressa, portanto, a solidariedade das mulheres de uma comunidade perante as ameaças do exterior. Aliás, como vimos, esse sentimento de solidariedade parece estar presente em várias terras do distrito de Castelo Branco. Em qualquer dos casos, as mulheres de uma dada comunidade — seja Portugal, Castelo Branco, Oleiros, Álvaro, Sarzedas, Mação, Idanha-a-Nova, ou outra qualquer — podem estar separadas por rivalidades. Estas, contudo, são relativamente ultrapassadas por uma solidariedade colectiva perante a concorrência estrangeira. A comunidade de mulheres de Portugal, de Castelo Branco ou de Sarzedas, aparece, assim, dividida ou unida, consoante estejam em jogo conflitos internos ou externos.

Do ponto de vista masculino, o adágio desempenha também uma função integrativa. A honra sexual do homem — que, ao contrário da honra da mulher, varia, por um lado, em razão directamente proporcional às aventuras sexuais que vai acumulando e, por outro lado, depende da seriedade das relações conjugais — vê-se, no bom sentido, afectada pela virtude das mulheres da comunidade a que pertence. Sendo assim, o recurso às espanholas é um meio de preservar não apenas a virtude da mulher portuguesa, como também o prestígio sexual do homem português. O mesmo acontecerá quando os rapazes de Sarzedas se vão divertir com as raparigas de Castelo Branco ou quando os rapazes de Castelo Branco dão «umas voltas» por Sarzedas.

A mensagem do adágio enquadra-se, neste sentido, no conceito de *visão do mundo* desenvolvido por Dilthey³⁷. Para Dilthey, as visões do mundo não são produtos do pensamento, nem surgem da mera vontade de conhecer. Brotam das experiências da vida quotidiana e manifestam-se através de valorações que aparecem como expressão de imagens exteriorizadas e sentidas de forma colectiva. Estas imagens formam a chamada «consciência comum», expressão utilizada por Durkheim e que é definitiva da *solidariedade mecânica*³⁸. Segundo Durkheim, quando uma convicção um pouco forte é socialmente compartilhada, adopta inevitavelmente um carácter religioso, isto é, inspira nas consciências o mesmo respeito reverencial que as crenças

³⁷ Dilthey, «Teoría de las Concepciones del Mundo», in *Revista de Occidente*, Madrid, 1974. Uma interessante descrição do conceito de *visão do mundo*, nas perspectivas sociológica e psicanalítica, é desenvolvida por Roger Bastide, «Para una Cooperación entre el Psicoanálisis y la Sociología de la Elaboración de una Teoría de las 'Visiones del Mundo'», in U. Eco e outros, *Sociología Contra Psicoanálisis*, Barcelona, Martínez Roca, 1974. Sobre o mesmo assunto pode ainda consultar-se Jaspers, *Psicología de las Concepciones del Mundo*, Madrid, Gredos, 1967.

³⁸ E. Durkheim, *A Divisão Social do Trabalho I*, Lisboa, Editorial Presença, 1977, p. 198.

propriamente religiosas. A mensagem do adágio em discussão parece corresponder a uma região muito central de consciência comum e adopta uma forma vincadamente religiosa. Se assim é, a mulher espanhola foi sempre encarada pelo Português com o respeito reverencial de uma crença religiosa. A ela, pois, se submeteu com penitência e ilusão. Primeiramente, e vingando a perca da independência nacional, desforrou-se como pôde, à unhada, ao beliscão; depois, de uma forma mais pacífica, acaba, naturalmente, por *ir às espanholas*, em festiva peregrinação. Ao Português, a espanhola despertou quase sempre um sentimento colectivo simultaneamente de *rejeição* e de *conquista*: *De Espanha nem bom vento nem bom casamento...* mas boas mulheres, distintas, apetecíveis.